

BIENAL / CRÍTICA

Funeral do neo-expressionismo gestualista

RADHA ABRAMO
Crítica da Folha

18ª BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO
Mostra internacional de vários gêneros e tendências artísticas de 46 países. Pavilhão da Bienal, parque Ibirapuera, zona Sul de São Paulo. De terça a domingo, das 13h às 23h. Ingresso: Cr\$ 10.000. Crianças com menos de dez anos não pagam. Às terças, entrada franca para todos. Até 15 de dezembro.

Embora as bienais internacionais de São Paulo, Paris e Veneza, a Documenta de Kassel e outros grandes salões coletivos de arte apresentem obras quase sempre dos mesmos artistas mais badalados do momento, todas essas mostras tem rostos diferentes. A de Paris reúne erradamente e sem roteiro prévio uma soma extravagante de obras, deixando ao visitante a tarefa de selecionar e digerir à vontade os seus esteticismos. Os dirigentes desta bienal partem do princípio segundo o qual sua platéia estetizadora e letrada organiza semanticamente o caos formado por obras tendenciosamente voltadas para o novismo e seu frisson vanguardista. Depois de inaugurada, a bienal francesa fica entregue às moscas, para irritação dos seus organizadores.

Embora os EUA, após a Guerra, divida com a Europa a responsabilidade do mercado da criação artística contemporânea, Paris continua sendo o templo obrigatório que abençoa, ou condena ao inferno, os artistas que queiram fazer amigos e vencer na vida. Nem sempre na arte.

A Bienal de Veneza, mais velha e mais polêmica (os italianos discutem com mais fundamentação os seus destinos) separa diplomaticamente as obras dos países nos seus próprios nichos arquitetônicos, lindamente dispostos nos jardins, mas organiza em igrejas e outros próprios públicos recuperados uma série de exposições "revival" ou de pesquisa. O público, também pequeno, não irrita na sua avareza os promotores venezianos dessa bienal, entre todas a de mais fácil leitura, embora bastante complexa na sua constituição.

A Documenta de Kassel, que reúne pesquisas feitas mais ou menos quadrienalmente, chama massas de gente de toda a Europa, já que seu trabalho maior é o de detectar, consultar a reunir obras de tendências

emergentes no momento. Kassel toda, museus, instituições, ruas e jardins, abrigam obras pré-selecionadas do mundo todo. Seu método de trabalho é o mais vivo (pesquisa de campo) e por isso as obras expostas saem do forno de Kassel diretamente para os escritórios de comercialização de arte, e invariavelmente ocupam lugar de destaque nas Fiac (Feira Internacional de Arte Contemporânea) de Paris e da Suíça, os reais entrepostos do mercado artístico atual do mundo desenvolvido.

A Bienal de São Paulo, gerada no colo da de Veneza, depois influenciada pelo teorismo da mostra francesa, nesta sua 18ª exposição internacional, que se inaugura hoje, procura um caminho entre Kassel e Veneza. Os antigos cubículos da arte diplomática (enviada ao sabor das paixões e dos interesses dos países convidados) foram substituídos por uma exposição contínua de obras que tentam explicitar visualmente os confrontos e os desvios da arte contemporânea a partir de uma preocupação historicista e didática.

Tudo o que é exposto anarquicamente nas mostras estrangeiras, nesta Bienal de São Paulo é direcionalmente organizado por tendências e estas embricadas em outras e assim por diante. Todas as bienais, entretanto, hoje em dia, são acionadas subjacentemente pelo mercado internacional de arte. Nisto não há mal nem bem, a arte é um produto de criação, e como qualquer produto tem que ter seu mercado para sobreviver e fazer sobreviver o marchand e o artista.

Nenhuma bienal abdica dos artistas da moda, que dão o suco da contemporaneidade às mostras internacionais.

Ao fazer este rápido esboço da 18ª Bienal, incluo muitos artistas badalados em Kassel e Veneza, que aqui aparecem com obras de má ou péssima qualidade, como Jonathan Borovsky, autor de figuras monumentais extremamente expressivas que vi em Kassel há dois anos e que em São Paulo nos mostra figuras de porte não só reduzido como ridículo. Salomé, cujo traço solto compunha antes movimentos orgânicos, nas suas telas gigantes, mostra agora



"La Leçon...A La Campagne D'Après Rembrandt", acrílico sobre tela do artista peruano Herman Braun-Vega

uma pintura anêmica com figurinhas triviais.

Inúmeros artistas estrangeiros expõem uma pintura simplesmente ruim. Pergunto-me se eles teriam coragem de enviar a Kassel ou a Veneza os trabalhos que vieram mostrar aqui.

Hella Santarosa, alemã, por exemplo, expõe standartes com baianas reboativas de mau gosto atroz. "Um peu exotique, hélas". Nem por isso essas obras passariam por um júri de São Paulo. Jorge Pizzani, da Venezuela, performance, dedica-se a jogar baldes de tinta na parede. E

depois os latino-americanos auto-indulgentes reclamam um lugar ao sol, criticando sempre o protecionismo artístico dos euro-norte-americanos. Peter Bommels, da Alemanha, de seu lado, mostra enormes figuras delineadas com cabelos. Bom ele ter vindo. Eduardo Mascarenhas teria aí um bom campo para demonstrar variantes do comportamento escatológico.

A 18ª Bienal Internacional de S. Paulo se diferencia das estrangeiras pela sua programática historicista. Os neo-expressionistas brasileiros, como Aquila e os outros, como o

valente Ivan Serpa (obras de 64), Marina Karan, Wesley Duke Lee, Flávio de Carvalho e Anita Malfatti compõem um discurso plástico demonstrativo do "revival" do expressionismo alemão que está causando um enorme estrago entre nossa juventude afoita e ansiosa por estar "à la mode".

A grande tela composta de obras de bons nacionais (Casa 7, Senise etc.) e outros de artistas internacionais (muitos de má qualidade) enfileirados uma atrás da outra produzem a sensação do funeral do gestualismo

pictórico. No cortejo, o alemão Mid-dendorf, que perdeu o pavio, e pinta agora sem compulsão. Essa exorcização plástica é um verdadeiro sufoco. A nova tendência à busca de uma nova linguagem estaria expressa nas telas de Tomaz Sanchez, que lembram um construtivismo sensível da cor, ou estaremos irremediavelmente submissos ao realismo do peruano Herman Braun-Vega, do inglês John Davis, do Francisco Leiro ou de Hugo Nantes, réplica do norte-americano Segal pintado em preto?